

APRESENTAÇÃO

Prezados irmãos e irmãs,

Estamos próximos do mês de Outubro, o qual, em nossa igreja temos dedicado especial atenção às vocações. Nossos sentidos voltam-se para diferentes ministérios que afloram no seio das comunidades da igreja e nos projetos diaconais e/ou missionários que estão em vigor.

Nossa intenção tem sido auxiliar através de materiais para reflexão, encontros e animação locais, permitindo assim um diálogo entre os membros da igreja brasileira, fortalecendo laços e atentando nosso olhar para as novas vocações presentes.

Também estamos chegando ao final do programa criado e planejado nos últimos Sínodos da IEAB: A Missão do 3º. Milênio - SERVIR, TRANSFORMAR E CELEBRAR. Assim sendo, unimos a ênfase do programa ao tema da 9ª. Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI): “Deus, em tua graça, transforma o Mundo”. Somamos os esforços para refletir sobre a natureza da Graça de Deus e os meios pelos quais Deus está transformando o mundo.

Contemplando a proposta ecumênica, estamos neste Outubro – 2005 / Mês das Vocações, compartilhando os estudos bíblicos sobre Graça e Transformação – FONTES DE ÁGUA VIVA; que servirão como preparação de nossos corações para o grande evento em Fevereiro de 2006, a 9ª. Assembléia do CMI. São estudos vindos de diferentes partes do mundo, carregados de uma diversidade cultural porém com um único intuito, fortalecer a nossa fé em Deus através das crises que passamos.

Nos vemos como a samaritana junto ao poço, na expectativa de que algo venha transformar profundamente nossas vidas, nossas igrejas, nosso mundo. Diante das crises proclamamos: “Senhor, dá-me de beber desta água, para que não tenha mais sede...” João 4,15.

Abaixo você encontrará algumas dicas de como realizá-los em sua comunidade ou grupo de reflexão, mais 5 estudos bíblicos. Esperamos que através deles possamos descobrir a Fonte de Água Viva que mantém novas vocações surgindo no deserto árido deste mundo conflitante em que vivemos.

Despeço-me na certeza da realização destes estudos e no fortalecimento das diversas vocações presentes na sua comunidade e diocese.

Fraternalmente em Cristo,

Rev. Dessórdi Peres Leite+
Diretor do Departamento de Educação Cristã e Missão
da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

ORIENTAÇÕES AO REALIZAR OS ESTUDOS BÍBLICOS EM SUA COMUNIDADE

- ❖ Qualquer trabalho em grupo requer cuidadosa preparação.
- ❖ Ao menos uma das pessoas do grupo deve estar perfeitamente familiarizada com o material de estudo a fim de poder orientar o grupo.
- ❖ Presume-se que cada membro do grupo tenha lido previamente as passagens bíblicas e as meditações que as acompanham.
- ❖ O clima geral no grupo deve ser acolhedor e descontraído.
- ❖ Se as pessoas se sentarem em círculo, isso favorece a interação no grupo.
- ❖ Na primeira parte desse processo as pessoas devem poder falar de seu próprio contexto particular e daí ir ampliando a conversação coletiva.
- ❖ Deve-se dar tempo para que as pessoas falem de sua experiência própria, não esquecendo, porém, que às vezes isso pode magoar alguém.
- ❖ É essencial não esquecer que ouvir é tão importante quanto falar, e que a violência verbal pode ser tão destruidora quanto a violência física.
- ❖ A oração é parte integrante do estudo em grupo, podendo-se usar as orações que acompanham cada estudo bíblico e outras.
- ❖ O objetivo é orar em permanência para que o poder transformador de Deus opere na sua igreja, no seu contexto, bem como na caminhada ecumênica de nossas igrejas e na 9ª. Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas.

Dessa forma, Cristo restaurará em nós sua própria imagem, mediante a atuação permanente do Espírito Santo.

O poder transformador da autêntica fé cristã depende dessa operação espiritual. Passando por essa operação espiritual, não só viveremos uma vida cristã de bondade e generosidade, como também seremos criaturas nascidas de novo e transformadas. Em outras palavras, a assimilação a Cristo não se resume em sermos bondosos e generosos, e sim em sermos transformados e nascidos de novo.

As pessoas cristãs que pretendem ter nascido de novo, e ter sido renovadas, devem viver uma vida semelhante à de Cristo. Devem não só levar sobre elas o nome de Cristo, como também o caráter e as características de Cristo, sua identidade e individualidade, sua personalidade e especificidade. Ser assimilado a Cristo, portanto, é ter o espírito de perdão de Cristo, seu coração amoroso e sua atitude de oração; e ser uma presença restauradora e regeneradora de Cristo em meio à humanidade perdida.

Aceitar Cristo como a porta de entrada da salvação capacita-nos a conduzir outros à salvação. Assim, seremos verdadeiramente assimilados a Cristo.

Oração

*Deus de unidade,
Deus de amor,
O que dizemos com os nossos lábios,
torna forte em nossos corações,
O que afirmamos em nossas mentes,
torna vivo em nossas vidas.
Envia-nos o teu Espírito
Para que ore em nós o que não ousamos orar,
Para que se aposses de nós mais do que pretendemos,
Para que nos retenha nele
quando formos tentados a nos desviar.*

*Conduz os nossos passos avante.
Conduz o teu povo em conjunto.
Conduz o teu povo a que faça tua vontade,
A vontade de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém. ¹*

Nota:

1. *Juntos no caminho*, publicação do CMI, 1999, págs. 115-116.

Como utilizar esses textos?

- ❖ Saber pedir perdão, e receber perdão, é importante para o bom relacionamento entre pessoas, comunidades e nações? Por que? Que benefícios traz para as "vítimas" e para os "agressores" o perdoar e o ser perdoado? Que significa o pedido de perdão no Pai Nosso e nas nossas liturgias? De que maneiras podemos nos identificar com o autor do Salmo 130?
- ❖ O padre Vaghinag nos assinala que o salmista está seriamente angustiado, mas não desesperado. Leia cada versículo do Salmo 130 e anote as frases que exprimem a fé e a confiança do autor em Deus. Que nos dizem essas frases a respeito do autor, e também a respeito de Deus?
- ❖ Acaso, esse Salmo pressupõe que Deus nos livra da angústia e simplesmente restabelece o *status quo*? Ou que, graças ao perdão, somos transformados para sempre? Você já passou pela experiência de clamar das profundezas e de receber a resposta de Deus?
- ❖ Leia 2ª Coríntios 3.18. Que significa ser transformado pela ação de Cristo e do Espírito Santo "de glória em glória" ?



FONTES DE ÁGUA VIVA
MÊS DAS VOCAÇÕES – 2005

Estudo Bíblico sobre Graça e Transformação.

"Eu espero na sua palavra"

** Padre Meloyan Vaghinag, autor deste estudo bíblico, é membro da comunidade religiosa do Catolicossado Armênio da Cilícia, Líbano. Ordenado em 1995, depois de formar-se no Seminário da Catolicossado e de estudar mais dois anos no Seminário Teológico de Pittsburgh, EUA, é atualmente diretor do Departamento de Estudos Bíblicos do Catolicossado.*

SALMO 130

Das profundezas clamo a ti, SENHOR.
Escuta, SENHOR, a minha voz;
estejam alertas os teus ouvidos às minhas súplicas.
Se observares, SENHOR, iniquidades,
quem, SENHOR, subsistirá?
Contigo, porém, está o perdão,
para que te temam.
Aguardo o SENHOR, a minha alma o aguarda;
eu espero na sua palavra.
A minha alma anseia pelo SENHOR mais do que os guardas pelo, romper da manhã.
Mais do que os guardas pelo romper da manhã,
espere Israel no SENHOR,
pois no SENHOR há misericórdia; nele, copiosa redenção.
É ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades.

2ª CORÍNTIOS 3.18

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E MISSÃO
IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL

O Salmo 130 é o clamor de uma alma aflita, "das profundezas". Vê-se que o salmista se encontra numa situação de angústia, mas não sabemos ao certo que espécie de angústia. Talvez sua vida esteja ameaçada pelo ataque de algum inimigo; ou, ele está atravessando uma crise espiritual profunda. Como quer que seja, nota-se claramente que o salmista não se deixa sucumbir à angústia que o envolve, e persiste em crer e esperar em Deus.

O espírito de esperança, em sua alma, é mais forte que o espírito de desesperança. Para ele, a angústia não é razão para queixumes e lamentações contra Deus. Ao contrário, são oportunidades de olhar para o alto e pedir a intervenção de Deus. Sua atenção não se focaliza nas dificuldades que enfrenta, mas em Deus que é capaz de vencer todas essas dificuldades. Sua atitude é de quem crê. Ele ora, e confia que a graça libertadora de Deus responderá à sua oração.

Ao pensar nas suas iniquidades, o salmista receia que o Senhor os observe, ou os contabilize. "Se observares iniquidades, Senhor, quem subsistirá?" (vers.3). Ele sabe que se Deus exigir contas dos seus pecados, não lhe restará nenhuma esperança. Mas ele confia que Deus não fará isso, porque seu Deus é um Deus que lança para trás de si todos os pecados (Is 38.17). O salmista tem certeza de que Deus não está interessado nos seus pecados, mas sim nele mesmo, como pessoa. Ele sabe que Deus não leva em conta seus erros e transgressões, mas que dá grande importância a ele como ser humano.

O salmista é visto como alguém que precisa de perdão, misericórdia e redenção; e é Deus quem pode dar-lhe tudo isso (vers. 4 e 7). Ele pede que Deus lhe perdoe, o que indica que ele tem plena consciência dos seus pecados. É isso que o leva a clamar "das profundezas" - das profundezas da infidelidade, da desobediência, da transgressão. Ninguém pode clamar "das profundezas", a não ser que se sinta prisioneiro da força destruidora do pecado.

Os versículos 5 e 6 mostram que o autor tem absoluta confiança no perdão de Deus: "Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra. A minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pelo romper da manhã". O salmista espera, e de fato recebe a graça de Deus. "Eu espero na sua palavra". A palavra de Deus é a esperança de quem não tem mais esperança. Há uma força libertadora na palavra de Deus, um poder vivificador. "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna" (*Jo 6,68*). Colocar nossa esperança na palavra de Deus é emergir das "profundezas". Ninguém que espera em Deus permanece nas "profundezas". Deus é um Deus que restaura.

Os versículos 7 e 8 nos falam que o salmista recebeu aquilo que pediu. Ele não mais se encontra nas profundezas em que se encontrava. Agora ele pode, por sua vez, exortar e incentivar o povo de Israel a pôr sua esperança no Senhor. Ele dá testemunho de que "no Senhor há misericórdia, e nele há copiosa redenção". Se ele próprio não tivesse sido atendido por Deus, ele jamais exortaria seu povo a ter confiança em Deus. Ele não tem dúvida alguma de que o Deus que o redimiu, redimirá também o povo de Israel. E tem certeza de que o Senhor, assim como não o abandonou, tampouco abandonará o povo. O versículo 8 não fala da libertação propriamente do povo de Israel, e sim da sua redenção. Redenção implica sacrifício. O Filho de Deus é esse sacrifício. Através da sua morte, não só o povo de Israel, como também toda a humanidade, foram emancipados da morte eterna. O salmista dá testemunho de que Deus não só o redimiu das iniquidades, não só o absolveu do castigo, como também deu-lhe paz, alegria e vida nova. A profunda alegria do salmista é fruto do perdão divino. Ninguém que não tenha recebido esse perdão pode desfrutar tal alegria e paz.

"E todos nós com o rosto desvendado, contemplando como por espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3.18). No

versículo 16, o apóstolo Paulo fala da importância vital de nos tornarmos a Cristo a fim de que o véu seja removido; e no versículo 17, da liberdade autêntica que resulta da recepção do Espírito Santo. Ninguém recebe o Espírito Santo sem antes aceitar Cristo. Aceitando Cristo e recebendo o Espírito Santo, somos capacitados para refletir a glória do Senhor. E refletindo a glória do Senhor, podemos progredir gradualmente no processo da nossa transfiguração espiritual. Não há transfiguração espiritual sem o poder transformador do Espírito Santo. O Espírito de Cristo permite-nos crescer na glória de Cristo. O Espírito Santo restaura em nós a imagem e a semelhança de Cristo.

Paulo sabe de experiência própria que o véu será removido da vida de quem aceita Cristo, e que assim se entra no processo que vai "de glória em glória", "de força em força" (*Salmo 84.7*). Paulo deseja que todas as pessoas alcancem em objetivo. Para ele, "de glória em glória" não significa, obviamente, esplendor mundano, mas sim excelência e perfeição espiritual.

Sem fé não pode haver processo gradual de aperfeiçoamento espiritual. A prática da fé, que nos é dada por Deus, permite-nos avançar no caminho da perfeição. Fé em Cristo dá-nos o poder de nos assimilarmos a Cristo. A fé nos justifica e nos santifica. E nos muda também, não só no sentido de mudança de sentimento, de opinião, ou mesmo de comportamento, e sim de mudança do ser. Nosso Pai celeste transforma-nos na semelhança divina, semelhança que perdêramos em virtude da queda. Mediante a obra constante do Espírito Santo em nossos corações, podemos agora ser iguais a Cristo, e como ele refletir a glória e a beleza do Pai. Porque Cristo "é o resplendor da glória e a expressão exata do ser" divino. (*Hebreus 1.3*).

Que significa ser assimilado a Cristo? Ou que devemos fazer a fim de sermos assimilados a Cristo? Antes de tudo, devemos aceitar que Cristo seja "o autor e consumidor" da nossa fé (*Hebreus 12.2*), e em seguida devemos convidá-lo a viver em nossas vidas.

razões que jamais compreenderemos, Deus permite que aconteçam injustiças e desigualdades, doenças e enfermidades. Vivemos num mundo decaído, que geme como uma mulher em dores de parto. As causas dos problemas da África são, ao mesmo tempo, locais e internacionais. Orações e ações, combinadas, podem debelar as causas do sofrimento. A mera oração talvez apenas atenuar a dor. Sabemos que "os mensageiros de Satã podem não ser de imediato destruídos pelas orações fervorosas, mas eles o serão no fim". O que nos dá a força de continuar a lutar para que a justiça de Deus prevaleça na terra é aquela voz poderosa de Deus que diz: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza".

Oração

Deus Criador, damos-te graças pela força que teu Espírito Santo nos dá para podermos realizar mudanças.

Damos-te graças porque tu estás sempre conosco e jamais nos abandonas quando confiamos em ti.

Em meio a todo sofrimento, tu estás presente e tens sempre um desígnio para o teu povo.

Teu desígnio é bom porque nos anuncia vida em abundância mesmo quando enfrentamos dificuldades.

Obrigado, por seres um Deus de justiça, e por desejares que a justiça prevaleça na terra.

Obrigado, por nos escolheres para sermos teus colaboradores e trazermos paz e justiça

aí onde o povo está em dores.

Dá-nos coragem de realizarmos aquilo que é certo, e de confiar em ti nas coisas que não conseguimos mudar.

Obrigado, por lembrar-nos que tua graça basta para conduzir-nos através das coisas que não conseguimos mudar. Pelo nome de Jesus. Amém³.

IAP

Notas

1. Cabe notar que a noção de povo eleito pode, por vezes, suscitar discriminação contra outros povos, que também são criaturas de Deus. Não raro, o povo de Deus causa sofrimento desnecessário àqueles que ele não

considera povo de Deus.

2. Paul Barnett, *A mensagem de 2º Coríntios*, Leicester, InterVarsity Press, 1988, p. 178.

3. Adaptado de *A África em Oração - manual de sermões e liturgias sensíveis ao HIV/AIDS*, por Isabel Apawo Phiri, publicação do CMI, 2003, pág. 129.

Como utilizar esses textos?

"Por que nós, Senhor". Isabel Apawo Phiri enfatiza as razões pelas quais o povo africano clama assim.

1. Você já sentiu, alguma vez, a dor e a injustiça chegarem a ponto de se tornarem insuportáveis? Ou que a sua fidelidade cristã parece não valer grande coisa, e que ela não produz recompensa positiva? Quando em grupo, compartilhe sua experiência com a das outras pessoas. Evite dizer às outras pessoas o que as experiências delas devem significar para elas. Antes, utilize as experiências delas para você aprofundar a compreensão de suas próprias experiências.
2. Por que, em Ezequiel 36, o povo é caracterizado como tendo coração de pedra? Essa caracterização tem algum paralelo em nossa experiência contemporânea? Ter coração de pedra, ser intransigente ou insensível, pode comprometer o relacionamento com Deus e o cumprimento dos desígnios de Deus para a humanidade? Como? Como podemos ser renovados pelo Espírito?
3. Em 2º Coríntios 12.10, Paulo diz: "quando sou fraco, então é que sou forte". Trata-se, aí, de mera acomodação frente a uma realidade desagradável, ou, antes, com essa afirmação, Paulo proclama uma verdade profunda? Pense em algumas palavras que normalmente designam "força". Essas palavras são adequadas, à luz da afirmação de Paulo? Que, de fato, pedimos em nossas orações quando oramos para que a igreja seja forte? Pense em exemplos em que a igreja se mostra forte na fraqueza. Que significa que a graça de Deus seja suficiente para nós?

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E MISSÃO
IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL

FONTES DE ÁGUA VIVA

MÊS DAS VOCAÇÕES – 2005



Estudo Bíblico sobre Graça e Transformação.

"A minha Graça te basta"

** Profª. Isabel Apawo Phiri, que preparou este estudo bíblico, é professora de Teologia Africana na Escola de Teologia e Religião, da Universidade de KwaZulu Natal, África do Sul, e coordenadora do Círculo de Teólogas Africanas Engajadas.*

Ezequiel 36:26-27

2º Coríntios 12:6-10

A passagem de Ezequiel 36 é sobre a relação de Deus com o povo de Israel. O povo de Israel teve momentos de rebelião contra Deus e agora se encontrava em exílio, passando por sofrimentos sem conta. Através do profeta Ezequiel, Deus toma a iniciativa de mudar a situação, tirando o coração recalcitrante do povo de Israel e colocando em seu lugar um coração transformado, propenso a cooperar com Deus. Na Bíblia, a palavra "carne" é usada para designar fraqueza, em oposição a força. Já neste texto, ela é usada para fazer contraste com pedra dura, fria. Ou seja,

Deus promete remover a frieza de coração do povo de Israel e substituí-lo por um coração maleável, disposto a aprender e praticar a vontade de Deus. Deus fará isso dando o seu Espírito ao povo.

O texto de 2º Coríntios 12.6-10 é uma forma de cumprimento da passagem de Ezequiel na vida de Paulo. O apóstolo nos fala de como Deus o humilhou pondo-lhe um espinho na carne, e isso depois que ele teve profundas experiências espirituais com Deus. Essas experiências deram força a Paulo, e mais autoridade para se afirmar como apóstolo de Cristo. Deus, porém, quis manter sob controle essa força e autoridade, a fim de que Paulo permanecesse sempre na dependência de Deus. E Deus continuou orientando Paulo sobre como fazer uso do seu poder. O espinho na carne era a maneira de forçar Paulo a se concentrar, não naquilo que ele, como pessoa, podia realizar, mas sim naquilo que Cristo, através de Paulo, queria realizar.

Os personagens principais das duas passagens bíblicas

Em Ezequiel, o personagem principal é Deus. Sabemos que Deus é um ser relacional. A passagem nos relembra a aliança de Deus com o povo de Israel, como nação eleita¹. Deus tem um pacto com o povo de Israel; apesar de, nesse pacto, o relacionamento ser assimétrico. Deus prometeu certas coisas ao povo de Israel, mas definiu as condições (Gênesis 15, Êxodo 20, Deuteronômio 5.6-21). Através da história da salvação, Deus constantemente lembra o povo de Israel dessa relação especial que há entre os dois. Numa das ocasiões em que o povo de Israel desobedeceu às ordens de Deus, Deus permitiu que o povo de Israel fosse levado cativo para o exílio e, nessa situação, passasse por grandes dificuldades. Mas agora Deus prometia restaurar o pacto, e isso mediante uma profunda transformação espiritual e moral do povo de Israel.

Os personagens principais de 2º Coríntios 12.6-10 são Deus e Paulo, que tiveram um relacionamento particular (Atos 9). Paulo jamais se encontrara com o Jesus histórico. Atos 1.21-22 descreve as credenciais que deve ter um apóstolo de Cristo. Segundo essa passagem, Paulo não tinha essas credenciais para poder ser considerado um apóstolo. Em passagens anteriores, de 2º Coríntios, Paulo teria sido acusado de ser néscio e fraco e de seu apostolado não ter legitimidade. A autoridade apostólica e a integridade pessoal de Paulo eram, assim, questionadas. Estava em jogo todo o seu ministério. Portanto, Paulo foi obrigado a defender-se e a justificar seu apostolado. Ele se sentiu tentado a recorrer às suas extraordinárias experiências espirituais para fundamentar sua superioridade sobre os demais apóstolos. Em vez disso, porém, decidiu confiar na dependência da graça de Deus que sempre o acompanhara através do seu ministério.

O espinho na carne de Paulo

Os especialistas do Novo Testamento discutem sobre qual teria sido a natureza desse espinho na carne de Paulo, já que o próprio Paulo não dá nenhum esclarecimento a respeito. Alguns sugerem que se tratava de certa forma de enfermidade como, por exemplo, um defeito na fala, ou um problema ocular, ou mesmo epilepsia. Outros pensam que era uma espécie de tentação sensual. Ainda outros acham que Paulo se refere às muitas perseguições de que foi vítima. Seja como for, parece que Deus não achou necessário que soubéssemos de que se tratava, e toda especulação a respeito é inútil. É claro, porém, tratar-se de algo provocado por um agente de Satã, sob a permissão de Deus, a fim de controlar Paulo no seu uso do poder espiritual. Isso parece ter similitudes com as experiências de Jó, e também de Jesus no jardim do Getsêmane. Tanto Jesus como Paulo oraram para que o problema que enfrentavam fosse afastado deles. Nos dois casos, o pedido não foi atendido em virtude dos planos que Deus

tinha em favor da humanidade. Contudo, Deus concedeu a ambos a graça de poderem permanecer firmes em meio aos problemas.

Ao ler essas passagens no contexto da África - onde há imenso sofrimento por causa das injustiças sociais baseadas em raça, gênero, classe e etnia —, somos levados a pensar nos agentes de Satã e, daí, a clamar a Deus: "Por que nós, Senhor?". Mas, nem o pensar nos agentes de Satã, e nem clamar a Deus "Por que?", resolvem nosso problema. O que, porém, é espiritualmente intrigante é que Deus permita que tal sofrimento aconteça, até mesmo na vida de pessoas profundamente piedosas. Logo, a questão central: por que sofrem as pessoas que põem sua confiança em Deus? A maioria do povo africano é muito espiritual. As organizações cristãs femininas, por exemplo, são renomadas pelas suas fervorosas orações, acompanhadas de jejum. É comum ouvir mães africanas pedir a Deus que o espírito da pobreza, das doenças incuráveis como HIV/AIDS, do crime, do desemprego, da violência contra mulheres e crianças, etc., seja capturado e lançado no mar de fogo. Não obstante essa piedade toda, as estatísticas demonstram que os pobres se empobrecem mais e mais, e que os ricos se enriquecem mais e mais. O HIV/AIDS continua a se expandir sem parar. E a violência contra mulheres e crianças está aumentando. Devemos perguntar-nos: esses problemas são de natureza espiritual, e podem ser resolvidos somente com oração e jejum? Ou deveríamos, antes, combinar nossas orações corajosas com ações corajosas, inspiradas pelo poder do Espírito de Deus, a fim de buscar a transformação daquelas estruturas iníquas que, abusando do poder que lhes vem de Deus, nos oprimem tanto?

O povo cristão da África não deve esquecer que, enquanto vivermos na terra, estaremos sob a graça de Deus. A África não é o continente mais pecador do mundo, nem é o que mais merece a ira divina. Por

na graça de Deus, fomos feitos "Sião", "o óleo de alegria" se espalhará. As comunidades não de ser tais 'óleos de alegria' para nossas vidas.

Enfim, estes v.3-4 também expressam um maravilhoso convite. Ora, se não os olhássemos, estaríamos perdendo uma *chance ecumênica* extraordinária. Afinal, usa-se a própria Bíblia para dividir. Por suas palavras uns se jogam contra os outros. O divisionismo mais arcaico é o que distingue e como que separa cristãos de judeus. Aí, faz-se necessário implorar a Deus por novos caminhos, por trajetos ecumênicos entre igrejas e entre religiões.

E eis aqui a alento da graça! Os corpos unguídos e coroados, libertos, serão chamados "Carvalhos da Justiça" (Is 61, 3). A profecia impulsiona o sonho com uma nova criação. A divindade mais uma vez dá nome e acolhe. A vida se recria a partir da vivência e prática da justiça, e a partir desta justiça, as pessoas são recolocadas na teia de relações sociais. Os jardins da justiça são o lugar onde se inserem as novas criaturas.

Oração

Deus de muitos nomes

Pedimos-te: Vem nos visitar! Vem caminhar conosco!

Para andarmos em tua graça e tua paz!

Enche-nos de esperança para que possamos ultrapassar fronteiras. Ilumina-nos neste trajeto ecumênico que permite encontros e diálogos.

Envia-nos teu Espírito, para que nos fortaleça nas posturas proféticas que anunciam a libertação.

Que teu Espírito seja brisa suave sempre que precisarmos de conforto e acolhida. Mas que seja ventania, sempre que a tendência de nos acomodarmos quiser falar mais forte.

Que tua paz, que promove a vida invada nossos corpos. E que se concretize em ações pela paz entre as pessoas, entre as igrejas e religiões e entre as nações.

Que tua graça, que transforma o mundo, nos motive juntar nossas mãos e proclamar a liberdade do teu amor.

Derrama tuas bênçãos sobre nós e esteja conosco nos caminhos que anunciam as Boas Novas de justiça, de cura e de acolhida. Amém.

MS e EM

Como utilizar esses textos?

1. Tendo lido Lucas 4.16-30 e *Isaías* 61.1-4, você concorda com Milton Schwantes e Elaine Neuenfeldt que podemos sentir-nos mais próximos do mundo descrito nessas passagens do que dos "grandes centros comerciais" do nosso tempo? Na sua vida diária como é que você sente isso?
2. Inspirado pelo Espírito, Jesus define os objetivos do seu ministério em Lucas 4.18-19. Como pode essa passagem orientar o ministério da igreja junto aos pobres, cativos, cegos e oprimidos? Que fazem de fato as nossas igrejas para anunciar boas novas, libertação, restauração e liberdade? Faça uma lista de exemplos concretos e comente-os.
3. Imagine que você é um não-crente e que está ouvindo os sons de desastres naturais, de guerras, de clamores dos pobres. Em seguida, imagine ouvir os cristãos falando sobre o "ano aceitável do Senhor". Que lhe faz pensar tudo isso? Como o nosso ministério pode tornar credível a proclamação do "ano aceitável do Senhor"?
4. Milton Schwantes e Elaine Neuenfeldt descrevem *Isaías* 61.34 como sendo "um convite maravilhoso" e falam do "encorajamento que a graça nos dá". Que cada pessoa no grupo conte experiências de como Deus age em nós e através de nós para criar esperança.
5. Como pode este estudo bíblico ajudar-nos a entender e a responder ao tema da 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas: "Deus, em tua graça, transforma o mundo"?

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E MISSÃO
IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL



FONTES DE ÁGUA VIVA
MÊS DAS VOCAÇÕES – 2005

Estudo Bíblico sobre Graça e Transformação.

"De mãos dadas - Para que tenhamos dias de Graça."

** Os autores deste estudo bíblico são pastores luteranos, com doutorado em ciências bíblicas. O prof. Milton Schwantes é coordenador do periódico RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana) e leciona na Universidade Metodista de São Paulo, Brasil. A profª Elaine Neuenfeldt é co-diretora do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e ocupa a cadeira de Teologia Feminista na Faculdade de Teologia de São Leopoldo, Brasil.*

Isaías 61:1-4

Lucas 4:16-30

A sugestão de dar atenção ao conjunto maior de *Lucas* 4, 16-30 é de importância. Afinal, a leitura das palavras de *Isaías* e, em seguida a explicação e a atualização feitas por Jesus, levam à sua perseguição. Deseja-se matá-lo! Sua dedicação a pobres torna-o merecedor da pena de morte. Ora, tamanho senso de morte também ronda *Isaías* 61. No exílio ou provavelmente depois dele, a pobreza é extrema. Já nada há nos saquitéis furados, como o expressa Ageu (1,6). Os v.1-4 de *Isaías* 61 são retomados em Lucas. Mas, *Isaías* 61 segue após seus v.1-4 um roteiro próprio: exalta Sião e a presença do Senhor Deus em meio a seu povo e comunidade. Convém ficar atento ao todo deste *Isaías* 61, e reforçar assim o lugar privilegiado que cabe às pessoas empobrecidas e enfraquecidas neste "ano aceitável do Senhor".

Por aqui também é assim! É o que entre nós se diz, ao escutar trechos como os de *Isaías* e de Lucas. Não nos são estranhos. São o que se vive. Têm realidade aqui.

Têm-na nos tempos de *Isaías 61* e, uns cinco séculos depois, nos dias de Jesus; e nada lhes falta de atualidade em nosso meio. Foi deste jeito que a Bíblia 'veio' para cá. Nos últimos decênios a fomos descobrindo em nosso chão, na vida e nas esperanças da gente. Dela nos sentimos muito mais próximos do que dos grandes *shopping centers* que, de tão lindos, nem são nossa realidade. As lutas da Bíblia são-nos mais achega das. A Bíblia é atual, muito presente, nos corações, nos olhos e nos pés das pessoas, das mulheres, das crianças e dos homens daqui. É uma graça poder viver esta experiência nas terras daqui. A Bíblia está entre nós.

Ao se andar por aqui, neste mundo de desesperados, vêem-se os 'textos' vivos nos corpos das pessoas. Ao se escutar a gente sem eira nem beira, ouvem-se as santas palavras de Deus. Ao se viver em comunidades, vive-se das graças de Deus. Sim, a Bíblia se nos veio por estes caminhos da gente, sofrida e esperançosa por fazer novos seus dias. Esta gente em pobreza nos exige nas igrejas a despertar na estrada de Jericó a Jerusalém (*veja Lucas 10,25-37 e Atos 2-6*). Entre a Bíblia e a vida doída forjou-se um conluio. Nele nos abrigamos.

A olhos nus não falaríamos assim. Poderia faltar bom senso. Dizemo-lo no Espírito. Afinal, é ele quem conduz os conteúdos de Lucas 4,16-30. É nele que os caminhos vão conduzidos. Nele, Jesus vai à Galiléia (4,14-15); em sua esfera, situa-se Jesus (v.18-19); em sua unção, Jesus proclama inusitadas palavras. Repete-as em parte de *Isaías*, mas de modo a serem suas estrelas guias por velhosnovos trajetos. O que ele, Jesus, faz ver, já estava aí - os profetas todos já o tinham enunciado - mas agora já não pode ser ignorado. A releitura livre que Jesus faz de *Isaías* recupera a profecia e a mistura com a vida e seus desafios cotidianos. Este jeito de ler as Escrituras nos anima para uma metodologia que promove a leitura popular, porque se lê por trás das palavras, além das palavras. É um texto que reconforta e que abraça os pobres na leitura da Bíblia. Desta forma, é possível resgatar o vigor do texto, a partir de suas posições de ruptura com as estruturas que amarram e oprimem as pessoas.

Acesso à terra, essencial para a dignidade da vida

São cinco as tarefas messiânicas, as da unção; a última é a decisiva. O que importa é, finalmente, "o anúncio do ano da graça do Senhor" (v.19). Este ano celebra o direito de todas as pessoas aos bens sociais, em especial à terra (*veja Levítico 25*). Vida digna se enrama em acesso à terra. Sem terra a vida se desumaniza. A tragédia brasileira de milhões sem nada é a da terra de poucos; 500 anos de vida sem terra resultam na tristeza de nossas favelas e malocas. Deus nos dê o ano da graça! Abra portões e apodreça cercas!

Este ano da graça é a bem-aventurança suprema. Quatro detalhes o realçam: dois afloram por palavras, dois por atos, o que, em sentido bíblico, são dois lados do mesmo. Este ano da graça se 'faz' "evangelizando" e "proclamando". "Pobres" são evangelizados, pois na graça sua desgraça se desfaz. Aos "cativos" será proclamada libertação! Cada um destes propósitos é mais lindo que o outro em seu afim de nova vida. E este ano da graça se 'faz' na "restauração da vista" e na "libertação de cativos". Este ano da graça vale a pena, porque suas palavras são maravilhosas e suas ações libertárias são encanto. São "palavras de graça" (v.22).

Com suas palavras em prol de pobres e doentes, de mulheres e crianças a ninguém exclui; o problema é que muitos de nós preferimos um espaço exclusivo. Quanto mais as coisas forem de exclusivos, tanto menos sobrarão para mulheres e homens empobrecidos. Afinal. Jesus constituiu igreja, não um clube para sócios exclusivos.

A profecia já o dizia. Por toda Bíblia o lemos. Nos salmos o rezamos. A sabedoria bíblica o incute. É que sem lugar para viúvas e oprimidos não há povo que seja de Deus. *Isaías 61* é só um dos trechos a confirmá-lo. O livro de *Isaías* todo grita-o aos quatro ventos: crianças, viúvas e pobres são "meu povo" (3,15); e "o escravo" é seu sinal, presença de Deus (42,1-4; 52-53). Sim, a própria esperança tem sua raiz nas frágeis crianças, "maravilhas" do Senhor (8,16-18, *veja 7,10-17; 9,1-6 e 11,1-5*).

Aí se insere *Isaías 61* e, em geral, a profecia. São berço das palavras de Jesus em Nazaré. Aliás, são mais que berço; são a própria casa. Sim, nem convém ficar a

polemizar entre o Primeiro e o Segundo Testamento. Em ambos, a vida se vê tão plena que se descobre ser a fé que a irriga. O melhor mesmo é que a ambos abracemos com carinho, também em favor da irmanação dos povos. Aliás, nosso Lucas 4 é de todo embebido no Testamento Primeiro.

Isaías 61 constitui povo em meio ao dilaceramento, a um exílio que a todos tornara um vale de secos ossos (Ezequiel), em escravos de rostos golpeados, feridos, torturados (*Isaías 40-55*). Mas, é daí que emerge o povo novo, saído de escombros e canseiras (*Isaías 40*). Não há como não ler a este *Isaías*, passado pelo exílio na Babilônia, sem nossa própria história. Às vezes a olhamos; outras tantas a ignoramos. Afinal, não raro se nos torna mais apazível viver de costas para nossas "veias abertas"; sonhar pelas Europas é mais educado. Nossas chagas são demasiadas e como que sem solução. Índias e negras ainda choram seus lamentos. Não é boa a América Latina e Caribenha.

Nossas alegrias também são muitas, mas são choradas também por campos e barracos.

A graça dá coragem

É-nos, pois, um dever acolher-nos ao *Sião*. Os v.1-2 de *Isaías 61* estão nas imediações de Lucas 4,18-19; afinal, este os cita. Mas é no v.3 que se enaltece ao *Sião*. E esta ênfase nos ajuda, para que Lucas 4 seja realizável. Pois, bem que poderia extenuar-se em uma bela e boa intenção. Lucas 4 poderia animar-nos a um convencimento pessoal, sem um referente coletivo, sem inserção em um grupo de pessoas que, juntando-se, se reforçam e tornam viável ir à luta, como dizemos por aqui. Ao vermos o profeta referir-se a *Sião*, vemos que precisamos chegar-nos uns aos outros para sairmos da dor. Só se 'vende' quando de mãos dadas! É que *esta forma de poder separa, a manjedoura ajunta*. E se não ajuntar a todos nos lança em misérias sem fim. Eis a diferença entre "cinzas" e "coroas", como o expressa o v.3. Se permanecermos sozinhos, com as melhores de nossas boas intenções, a estas só espalhamos; mas se,

Vimos que as lamentações e queixas de Israel foram ouvidas por Deus, e que o profeta transmitiu a Israel a mensagem de sua iminente libertação. Nossa vocação agora é responder às lamentações e queixas dos povos do Pacífico do nosso tempo. Somos chamados a transmitir-lhes a mensagem da iminência do reino de Deus, e dizer-lhes que esse reino de paz e amor é realizável. O poder transformador de Deus não é apenas um poder físico, mas também espiritual. Por este poder, as vidas são melhoradas e a integridade das pessoas restaurada. Tudo isso é possível graças ao poder transformador de Deus.

Oração

Deus criador e re-criador, tu és nossa esperança.

Ouve nosso clamor e nossa lamentação

e abençoa nossa visão e anelo de relações

transformadas, de comunidades sustentáveis,

de um mundo pacífico e amante da paz.

Santo Deus, poder criador,

tu és nossa força.

Suspiramos por ti.

Guia-nos e inspira-nos para que entremos

na dança da vida.

Na tua graça, e na missão do Senhor Jesus Cristo,

uma vida abundante nos é oferecida.

E teu poder transformador, faz de nós um povo feliz.

Oramos em teu nome,

Deus Triúno, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Elizabeth S. Tapia, 2005.

Como utilizar esses textos?

- ❖ Lopeti Taufa descreve o que está acontecendo atualmente ao povo do Pacífico. Se você tivesse de escrever semelhante reflexão da perspectiva do contexto onde você vive, que diria sobre as pessoas do seu país ou região? Se você puder pôr isso em escrito, facilitará o aprofundamento da reflexão. Você acha que as mensagens de Isaías 65 e Apocalipse 21, que falam da promessa de um novo céu e uma nova terra, têm a mesma relevância para a situação em que você se encontra?
- ❖ Observe os traços característicos da nova era descritos nas duas passagens bíblicas. Faça uma lista desses traços, e medite sobre cada um deles. Como caracterizam eles a qualidade de vida na comunidade prometida? É possível ver esses mesmos traços já presentes, ainda que em forma incipiente, na vida de nossas igrejas e comunidades? Essas passagens falam apenas de uma vida melhor futura, ou antes, nos desafiam a começar a construir essa vida desde já? Que devemos fazer para que nossas igrejas se tornem exemplos vivos de nova comunidade?

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E MISSÃO
IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL

FONTES DE ÁGUA VIVA

MÊS DAS VOCAÇÕES – 2005

Estudo Bíblico sobre Graça e Transformação.



“Novos céus e nova terra”

** O Rev. Dr. Lopeti Taufa foi presidente da Igreja Wesleyana Livre de Tonga. Durante a sua presidência, ele foi membro do comitê executivo da Conferencia de Igrejas do Pacífico e lecionou na Faculdade Metodista de Teologia.*

Isaías 65:17-25

Apocalipse 21:1-8

Os textos deste estudo bíblico são visões do poder criador e transformador de Deus em ação, fazendo novas todas as coisas agora e no futuro.

A passagem de Isaías tem a forma de uma palavra divina que afirma o poder transformador de Deus no universo e na história. Em resposta às lamentações e queixas da comunidade do após exílio em Israel (*Isaías 63.15-64.12*), Deus diz:

Pois eis que crio novos céus e uma nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais

haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio, porque eis que eu crio para Jerusalém alegria e para o seu povo regozijo (Is 65.17-18).

Importa notar, entre outros, os seguintes pontos significativos:

1. É Deus quem age nessa recriação prodigiosa de novos céus e uma nova terra. A atividade divina criadora e transformadora é a marca divina da nova era.
2. O uso do participio do verbo "criar", no original hebraico dessa passagem, atrai para o tempo presente a ação divina criadora.
3. As características cosmológicas dos céus e da terra são radicalmente transformadas e redimidas.
4. A nova Jerusalém vem do alto, ou seja, de Deus.
5. As coisas anteriores não serão mais lembradas. A nova era já está introduzida, e a cidade messiânica é caracterizada pelo banquete e júbilo messiânicos.
6. Um relacionamento importante se estabelece nessa nova criação entre Deus e o seu povo, os eleitos. Em contraste com as noções universalistas de outros capítulos ou livros da Bíblia, a mudança do relacionamento das nações com o Senhor é que transforma o cosmo.

Na nova era, a comunidade será redimida. Sob a égide de Deus, estabelece-se uma nova etapa na história. O relacionamento com Deus será tão íntimo que Deus se dispõe a responder aos pedidos mesmo antes que estes o procurem (65.24).

As características próprias da comunidade nessa nova era são descritas de modo geral nos versículos 20

e seguintes. As pessoas desfrutarão o fruto do seu trabalho (21); poderão ter uma vida excepcionalmente longa (22); construirão suas próprias moradas (22). Essa nova realidade vale também para a terra, as plantas e as colheitas (22). Enfim, os seres humanos serão férteis e produzirão descendentes (23).

Quanto à qualidade de vida, a intimidade entre Deus e os seres humanos será tal que transformará o próprio cosmo e inverterá a ordem natural de violência entre o lobo e o cordeiro, ou o leão e o boi, para dar lugar à paz (25).

Essa poderosa visão de uma verdadeira utopia requer reflexão aprofundada. Ao apresentar uma nova doutrina utópica, devemos ter o cuidado de comprovar que não somos nem socialmente ingênuos e nem historicamente alienantes. Essa doutrina utópica só pode ser proclamada com integridade no contexto da comunidade que rende culto a Deus.

A perspectiva otimista de Isaías sugere que há esperança para as situações difíceis e necessidades prementes das comunidades como, por exemplo, as do Oceano Pacífico nos dias de hoje. Sabemos dos distúrbios políticos dos países como as Ilhas Salomão, Papua-Nova Guiné e Fiji, das situações desoladoras das nações de terras baixas e de escassos recursos na Micronésia e Polinésia, e da corrupção dos líderes de muitos outros países do Pacífico.

Atualmente, a comunidade que se encontra em verdadeira situação de exílio no Pacífico é constituída de:

- 1) migrantes desiludidos que buscam melhores oportunidades para trabalhar ou estudar nos países desenvolvidos vizinhos;
- 2) vítimas desamparadas deixadas atrás por aqueles que partiram;

3) um público frustrado que se sente despojado de sua liberdade e de seus direitos a uma vida justa e boa;

4) uma maioria inquieta que gostaria de confiar em seus líderes, mas que não vê garantia de que esses líderes merecem confiança para gerir as questões políticas, sociais e econômicas que afetam a vida das pessoas;

5) crentes marginais e jovens que vão perdendo a cada dia a confiança no poder curador da igreja;

6) líderes que proclamam uma "vida melhor" sem Deus.

O exilado moderno do Pacífico é uma pessoa deslocada, no sentido físico e espiritual. Ele nutre a visão de um novo céu e uma nova terra como objetivo último almejado. Isso porque essa visão sugere que, no cosmo re-criado, todas as coisas serão renovadas e haverá uma justiça equilibrada. Cabe frisar que Isaías profetiza uma intervenção *divina*. Essa dimensão é o fator de diferenciação entre a perspectiva de crentes e não-crentes no que se refere à transformação da sociedade. Ou seja, para os crentes a transformação só é possível no quadro dessa intervenção divina.

O apelo que fazemos ao poder transformador de Deus significa que reconhecemos que somente Deus pode fazer a diferença. Sem Deus não haverá diferença, porque somente Deus é quem cria e recria. A crise espiritual de muitas pessoas na região do Pacífico, mergulhadas nas vagas do ceticismo, da desilusão, da desesperança, do alcoolismo e outros males sociais, provocou uma desorientação tão profunda que só pode ser suplantada por uma nova e íntima relação com Deus. Essa nova relação significa a restauração da paz, da confiança e da esperança; uma verdadeira volta do exílio, a fim de estabelecer uma comunhão mais profunda com Deus. A povo cristão tem por vocação encarnar a presença de Deus nas várias dimensões da vida; cabe-nos, pois, sermos instrumentos da manifestação do caráter de Deus no nosso contexto.

impôr restrições ao seu uso, o que seria contrário à noção da adoração em espírito e em verdade que ele apregoava. Mais tarde, em Jerusalém e no templo, Jesus confirmou e estendeu o convite a todos os sedentos: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (João 7.37).

Recursos esgotados: Jesus é o canal por onde vem a água viva e vivificante, em antecipação ao Espírito "que ainda não foi dado", Mas, cabe perguntar se houve algum tempo em que Jesus sentiu essa água esgotar-se nele. Há aquela exclamação na cruz que pode levar a pensar assim, embora essa circunstância não seja conclusiva: "Tenho sede" (João 19.28).

Essa exclamação poderia ser um reflexo de sua condição física num momento específico. Daí a reação dos guardas presentes, e a disposição de Jesus em aceitar o que estes lhe deram de beber. Mas, acaso não teria a sua sede também um sentido mais profundo? Não seria ela reflexo daquela outra exclamação, ou citação, na cruz: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" Esse é um dos momentos mais angustiantes da encarnação: Jesus revê sua própria vocação como Filho de Deus. A sede que ele sente parece contradizer os ensinamentos que ele dera junto ao poço. E ele mergulha no mais profundo abismo da angústia, para de lá sair vencedor.

Graça superabundante: Quando o livro do Apocalipse aborda a esperança da era que virá, ele nos mostra uma Nova Jerusalém onde toda sede será saciada. O autor começa essa parte de sua narrativa com a voz que diz: "Eu, a quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida" (21.6), e, a seguir, reitera o convite: "Aquele que tem sede, venha" (22.17). No plano terreno, os novos aderentes da igreja podem ter ouvido essas palavras quando do seu batismo. Mas elas tem implicações muito mais amplas: a graça superabundante é livremente acessível a todas as pessoas.

Aclamação, extraída das matinas de teofania do Senhor, da liturgia da Igreja Ortodoxa

*Ó Rei, Tu que és desde a eternidade,
pela comunhão do Espírito;
Tu unges e dáς perfeição à natureza humana.¹
Tu nos purificaste em águas impolutas,*

e desbarataste a arrogância das trevas que Tu agora transformas em vida sem fim.²

Notas

1. 2^o Coríntios 1.21-22; 1 João 2.27.
2. *The Festal Menaion, tradução de Madre Mary e Arquimandrita Kallistos Ware, Londres, Faber & Faber, 1969, páginas 381-382.*

Como utilizar esses textos

- ❖ A água é uma necessidade humana universal, como sublinha Sergei Hackel. Em algumas situações, a sede é uma trágica realidade da vida cotidiana. De modo geral, podemos usar a sede como metáfora de nossas necessidades e desejos profundos. De que as pessoas têm sede na sua comunidade local? Quem e o que satisfaz tal sede? Procure ser específico e realista. Como se aplica no seu caso a imagem da água viva e vivificante de João 4 e Ezequiel 47?
- ❖ De que maneiras Jesus desafiou, em João 4, as pressuposições tradicionais concernentes aos relacionamentos humanos e à adoração? Qual é o significado, para a mulher samaritana e para a sua comunidade, da conversação junto ao poço? Qual a lição que dela tiramos para nós?
- ❖ Como utilizamos a água - sacramentalmente, simbolicamente e metaforicamente - na adoração e na vida de nossas igrejas? Reconheçamos as suas diferentes utilizações nas diversas tradições cristãs.
- ❖ Sergei Hackel sugere que "não basta ter um lugar santo, tampouco ser uma nação santa. A adoração autêntica pressupõe ir além dos atos religiosos convencionais herdados. Requer inspiração e disponibilidade para ser inspirado". Como podemos abrir-nos à inspiração do Espírito de sorte que nossa adoração seja efetivamente adoração em espírito e em verdade?
- ❖ A visão de Ezequiel 47 consiste em águas vivificantes que fluem do lugar onde Deus é adorado. Que flui ao mundo de nossa adoração? Como pode a água viva dada por Jesus trazer vida nova à nossa adoração e, assim, ao mundo?

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E MISSÃO
IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL



FONTES DE ÁGUA VIVA **MÊS DAS VOCAÇÕES – 2005**

Estudo Bíblico sobre Graça e Transformação.

Água e a fonte a jorrar para a vida eterna

** O arcepreste Sergei Hackel (falecido em 09 de fevereiro 2005), da Igreja Ortodoxa Russa, foi redator do periódico Sobornost durante mais de 30 anos a partir de 1984, era responsável das emissões religiosas semanais do serviço russo da BBC. Era profundamente engajado na obra ecumênica e deixou numerosos trabalhos escritos sobre a história e a teologia ortodoxa.*

Ezequiel 47:1-12

João 4:1-42

Cansaço: Jesus, cansado, faz uma parada junto ao poço de Sicar. O fato de ele se cansar é sinal de fragilidade, o que nos lembra sua encarnação. Jesus é uma pessoa de verdade. Mas ele é também mais que isso. Como o prólogo deste evangelho declara, Jesus é o Verbo feito carne. Como tal, ele habita entre nós. Portanto, há o lado positivo desse seu cansaço. Não só decorre da encarnação, como também é valorizado por ela. E isso tem conseqüências para os outros seres humanos, no sentido de que os seus cansaços, quaisquer que sejam, são enobrecidos e sagrados.

Sede: O mesmo pode ser dito da sede. A sede é a preocupação primeira de Jesus junto ao poço. Pedir água para beber é eminentemente humano, universal. O corpo humano depende de água. O pedido do Salvador mostra a sua semelhança a todo indivíduo humano que tem necessidade física. Ademais, confere dignidade a essa necessidade.

Mas, a "sede" nessa passagem implica mais que mera necessidade corpórea. O cansaço pode ser um fardo resultante das atividades do dia. Mas a sede tem outras dimensões, assim como a água que sacia a sede.

Águas vivas: Vemos que se trata de algo mais que mero H²O. O assunto aqui são "águas vivas" que

possuem um extraordinário poder para levar à vida eterna. E isso não é imaginação de comentarista moderno. O profeta Ezequiel já conhecia essas "águas vivas". A imagem serve de simbolismo também para Jesus junto ao velho poço. Beber da água daquele poço, assinala Jesus, terá de ser sempre repetido. Já as águas vivas que ele oferece, saciarão para sempre a sede de quem delas beber.

O templo de Ezequiel: Ezequiel, no seu tempo, teve visões de águas vivas jorrando da mais sagrada das fontes, o templo, coração de Israel. Correntes de água jorravam da parte debaixo do limiar do templo, bem como das suas partes laterais. Por serem abundantes e poderosas, essas águas formavam rios profundos que purificavam as águas poluídas e as tornavam produtivas. É uma visão antecipada das águas cristalinas da Nova Jerusalém da era que virá. O livro do Apocalipse nos fala das águas que saem "do trono de Deus e do Cordeiro" (22.1).

Lugares sagrados: Se, por um lado, Ezequiel viu o templo de Jerusalém como fonte de onde saíam as águas vivas, por outro, os samaritanos podiam com razão retrucar dizendo "E quanto a nós?". Porque eles se recusavam a aceitar Jerusalém como o centro sagrado por excelência. Não surpreende, pois, que a mulher junto ao poço comparasse os dois centros sagrados rivais. Seria o templo de Jerusalém o lugar certo para adorar, juntamente com os judeus? Ou seria melhor adorar no Monte Gerizim, conforme a tradição samaritana? Implícito aí, havia uma outra questão que se aplicava aos dois lugares sagrados: a preferência por um desses lugares devia necessariamente significar desprezo do outro? Ou será que, como talvez pensasse a mulher, só um dos dois lugares podia ser o verdadeiro lugar de adoração?

Adoração em espírito e em verdade: Jesus expressa sua preferência pela adoração no templo de Jerusalém porque "a salvação vem dos judeus". Ainda, mesmo considerando essa forma de adoração como um passo conducente à salvação, Jesus em seguida aprofunda o diálogo com a mulher e abre novas perspectivas. Na

situação atual. nem os samaritanos, nem os judeus preenchem os requisitos para adorar a Deus como se deve. Não basta, para isso, ter um lugar sagrado; tampouco, ser uma nação santa. A adoração autêntica pressupõe ir além dos atos religiosos convencionais herdados. Requer inspiração e disponibilidade para ser inspirado. Só assim a adoração será "em espírito e em verdade".

Trata-se de um projeto para o futuro, um ideal distante? Talvez sim, porque Jesus acrescentou que o tempo próprio está ainda por vir. Entretanto, contém implícito um desafio para o presente. Porque "vem a hora, e já chegou" (João 4.23). O paradoxo e a agudeza da frase estão precisamente nesta conjunção "e", que nos leva à urgência do presente e à exigência de uma resposta imediata.

O papel do Espírito: Obviamente, responder a essa exigência não é nada fácil. Menos ainda se dependemos exclusivamente de nossas limitadas forças. Ainda, a adoração "em espírito e em verdade" pressupõe a ação do Espírito, o Deus uno, porque "Deus é Espírito". É assim que o Salvador introduz uma nova dimensão na sua fala junto ao poço. O Espírito é a única força que gera e possibilita a adoração em espírito e em verdade. Não há outro sentido a dar às palavras concernentes à água viva que sai do poço. Quando João cita outras palavras de Jesus sobre águas vivas que fluirão dos seus seguidores, ele imediatamente acrescenta "Isto ele disse com respeito ao Espírito" (João 7.38-39). Não é por acaso que na Igreja Ortodoxa é comum invocar o Espírito com as palavras "Vem e habita em nós".

Sacramentos e símbolos: A semelhança de outros cristãos, e desde há muito, os fiéis da Igreja Ortodoxa expressam a imagem das águas vivas por meio de sacramentos e símbolos. Os símbolos são a parte visível do sentido profundo e inexaurível do ato sacramental.

As águas do batismo, por exemplo, são santificadas pela invocação do Espírito Santo para que "faça morada" em nós. Assim, cada membro da igreja que se acerca da fonte batismal recebe a graça que emana daquela água viva e vivificante. Em anos recentes, tornou-se comum oferecer água benta para uso dos fiéis. Essa água pode ser aspergida sobre as pessoas ou sobre os alimentos. Dessa

maneira, verdades que ultrapassam nossa compreensão adquirem certa visibilidade concreta; e podem então ser "definidas, aprendidas e digeridas interiormente".

Missão: Afinal, a mulher junto ao poço atendeu à exortação para adorar em espírito e em verdade? O que se sabe ao certo é que ela abandonou seu precioso cântaro e foi logo anunciar aos seus vizinhos as possibilidades que o visitante representava para todos eles. Ela estava persuadida de que a presença daquele personagem devia ser divulgada. Nisto consistia seu zelo missionário. E a urgência com que ela cumpriu essa missão sugere que ela compreendeu de certa maneira as palavras do seu interlocutor.

Perguntas: A mulher junto ao poço tinha pouca consciência das limitações das perguntas que fazia a Jesus, mesmo quando essas perguntas pudessem ter um amplo significado. Apesar de formuladas de maneira simplista, suas perguntas beiravam, por assim dizer, o campo da sociologia, da topografia, da hidrologia, da arqueologia e da tradição bíblica. E graças ao seu interlocutor, ela foi, aos poucos, adquirindo iluminação e certa compreensão nova sobre tais questões. Suas perguntas, de início, podiam até entediar o interlocutor. Ocorre, porém, que elas foram levadas a sério e pontos cruciais foram detectados nelas, o que permitiu a ela avançar na busca da verdade.

De fato, ela trouxe também alguma contribuição ao diálogo. Por exemplo, a persistência das suas perguntas merece admiração. Além disso, não fossem as perguntas feitas por ela, nós hoje não teríamos as respostas que temos. O fato é que, se a mulher samaritana tivesse sido retraída - aceitando comportar-se segundo as regras segregacionistas da sua época - ela jamais teria avançado rumo à verdade. Por sua parte, Jesus aceitou de bom grado dialogar com ela, mesmo sabendo que ela era "estrangeira", e sobretudo mulher; o que parece ter perturbado os discípulos.

Água com restrições?: A segregação não impediu Jesus de pedir água à mulher junto ao poço. Ele ignorou a opinião corrente de que os samaritanos eram ritualmente impuros e que seus utensílios domésticos eram impróprios para os judeus. No tocante à água viva, é óbvio que Jesus não iria